

## **“Cinema para as escolas”**

- 1. Apresentação**
- 2. Avaliação específica, por actividades**
- 3. Efeitos das actividades**
- 4. Conclusões**

Projecto de avaliação da autoria de **Lúgia Parodi**. Nasceu no Porto em 1973. Licenciou-se em Psicologia também no Porto. O interesse pelos meandros da animação e do cinema foi impulsionado por influências amigáveis. Começou a colaborar com o Cine Clube de Viseu em 1999 no âmbito do projecto Cinema para as Escolas. Actualmente desenvolve o projecto 7ª dimensão - audiovisuais em processos sócio-educativos, na APDES.

## SUMÁRIO

<b>1. Apresentação.....</b>	<b>3</b>
a. Propósitos e limitações da avaliação.....	3
b. Caracterização e eixos do percurso avaliativo.....	5
c. O que tem sido o projecto "Cinema para as escolas".....	7
<b>2. Avaliação específica, por actividades.....</b>	<b>10</b>
a. Sessões de cinema para as escolas.....	10
b. Escolas animadas.....	14
c. Aprender em filmes.....	16
d. Workshop "O cinema de animação como dispositivo pedagógico".....	21
e. <i>Argumento</i> .....	24
<b>3. Efeitos das actividades.....</b>	<b>26</b>
<b>4. Conclusões.....</b>	<b>30</b>
a. Pertinência, condições e possibilidades das propostas formativas do projecto para uma escola que lida com a pressão para a mudança e com as inovações da sociedade do conhecimento, e vice-versa.....	30
b. Relativamente à metodologia pedagógica.....	33
c. Obstáculos ao desenvolvimento do projecto.....	34
d. Condições necessárias ao desenvolvimento do projecto/CCV.....	35
<b>Bibliografia.....</b>	<b>38</b>

## **1. Apresentação**

Numa perspectiva de inovação e alargamento das suas actividades, pensando nas lacunas existentes no sistema educativo em relação à formação e sensibilização para jovens e crianças na área do audiovisual, o CCV (Cine Clube de Viseu) concebeu um projecto global de intervenção nas escolas e para as escolas, visando a criação de alternativas e complementos aos currículos escolares, no que diz respeito ao cinema.

A avaliação do projecto foi, desde início, considerada necessária ao seu desenvolvimento e divulgação, afirmando-se como uma dimensão transversal a este. Embora não se encontre inteiramente formalizada, efectivando-se por iniciativa dos formadores e carecendo de uma perspectiva externa, o espaço concedido aos trabalhos realizados e às avaliações no boletim informativo do CCV - *Argumento* -, é suficientemente demonstrativo da preocupação e reflexão que tem ocorrido neste âmbito. Ciente do seu contexto, esta avaliação pretende inscrever-se no ciclo reflexivo da investigação-acção, sendo simultaneamente, construção e objecto, integrando-se no seu objecto de estudo.

### **a. Propósitos e limitações da avaliação**

Os propósitos da avaliação devem ser claros, ainda mais quando se trata da construção de um ponto de vista sobre o que é feito; se, por um lado é evidente que esse ponto de vista não é neutro, antes imbricado no objecto que se coloca em perspectiva, pretende-se, no entanto, fundamentado e esclarecedor.

Devemos, portanto, clarificar a nossa finalidade: contribuir para a valorização do dispositivo de formação, no sentido de explicitar os seus fundamentos e melhorar a

sua eficácia. Na origem deste documento está a necessidade dos agentes que organizam o dispositivo de formação de sustentar a sua pertinência, valor e sentido. Apostam a sua competência enquanto agentes culturais e ao pretenderem afirmar-se no âmbito de contextos mais alargados reconhecem o seu estatuto de organização aprendente.

A necessidade de organizar um sistema de avaliação tem-se tornado premente; é também nesse sentido que pretendemos dar o nosso contributo, para que um sistema avaliativo seja integrado num funcionamento normativo e regular do dispositivo.

Podemos apontar múltiplas limitações à presente avaliação, não esquecendo, contudo, que para perceber as limitações é também necessário considerar a amplitude do campo que pretendemos abarcar. A organização deste trabalho procura plasmar a "situação" num quadro de referências simples e abertas, numa configuração que permita uma leitura fluida do dispositivo e seus contextos.

As definições mais trabalhadas centram-se nas práticas e, portanto, no processo, no desenvolvimento das actividades, no nível que Figari (1999) denomina de "construído". Um dispositivo formativo é idealizado, projectado e, posteriormente, implementado, condensando um conjunto de significações, experiências, aprendizagens.

O dispositivo, organizado por actividades, às quais correspondem certos objectivos e expectativas de resultados, populações e produtos, explora as sinergias presentes no terreno de actuação, pelo que o seu funcionamento se apresenta articulado com outros. A questão da articulação de sistemas emerge quer em termos teóricos (educação-cultura), quer concretos e materiais (intervenção nas escolas financiada pelo ministério da cultura; articulação de instituições culturais com educativas), quer mesmo político-administrativos (articulação entre ministérios).

A descrição da situação é veiculada por uma voz interna às actividades; os campos de conhecimento, que possam lançar clareza no modo de ver, são alavancados na medida da sua utilidade epistémica. A abordagem qualitativa é tanto uma escolha, como um ajustamento às condições que possibilitam um olhar avaliativo. Alguns dados quantitativos, que não serão aqui particularmente abordados, têm sido objecto de tratamento e divulgação, concretamente, no boletim informativo *Argumento* e nos relatórios financeiros do projecto. A escolha de uma abordagem qualitativa, por outro lado, fundamenta-se em modelos de avaliação de projectos educativos (Parlett e Hamilton, 1983; Guba e Lincoln, 1988; Figari, 1999) e na consistência da intersubjectividade, enquanto critério de validação. Sustenta-se nos dados levantados, contrapostos e sistematizados, em amplitude e no tempo.

Uma avaliação baseada num estudo de *follow-up* deverá ser equacionada, no seguimento do processo avaliativo. Existem diversos aspectos que só poderão ser avaliados a longo prazo, nomeadamente, aspectos ligados ao impacto do projecto ao nível da escola e da comunidade, aspectos que só se revelam a médio-longo prazo.

#### **b. Caracterização e eixos do percurso avaliativo**

Uma característica central da presente avaliação é ser qualitativa e centrada nas actividades formativas, desenvolvidas no âmbito do Projecto "Cinema para as escolas" do Cine Clube de Viseu. Caracteriza-se por uma perspectiva interna, baseada na observação-participante, construindo-se e legitimando-se na troca de experiências, perspectivas e críticas, dos diferentes formadores e participantes, sendo, por isso, um trabalho de cariz intersubjectivo. Esta concepção da avaliação foi parcialmente teorizada por Gérard Figari (1999); no prefácio da obra referenciada, pode ler-se: "A

avaliação de uma situação, desde que esta não se encerre na medida, é, no fundo, um trabalho de ordem etnológica que confere um estatuto positivo à intersubjectividade, criando literalmente a noção de objecto-sujeito” (Ardoino, in Figari, 1999: 22).<sup>1</sup>

Esta avaliação consiste, também, numa abordagem operacional de um conjunto complexo que se toma como objecto de análise - um projecto, um programa, uma inovação - com o objectivo de conhecer o seu desenvolvimento e efeitos (Tourneur & Rochez-Nimal, 1986)<sup>2</sup>. Centra-se nas práticas que resultaram de várias etapas de operacionalização - da ideia em projecto e do projecto em actividades implementadas e reformuladas.

Procede-se a um elenco de momentos do projecto desde a sua origem, à guisa de *curriculum vitae*; à descrição analítica de cada uma das actividades implementadas, de modo individual; este descritivo, solicitado aos formadores do CCV, é construído com base na perspectiva do observador-participante. Em seguida, procura-se um referencial de efeitos, considerado num todo, na confluência dos interesses de diversas audiências, desde o nível do indivíduo, ao nível colectivo e comunitário. As conclusões esboçadas são pontos em aberto, que se revelam críticos para o desenvolvimento do projecto.

Podemos sistematizar os objectivos gerais desta avaliação do seguinte modo:

- Clarificar a grelha subjacente à emergência e desenvolvimento do projecto do CCV;
- Caracterizar as actividades enquanto um dispositivo de formação;
- Clarificar a sua (im)pertinência no actual panorama educativo e cultural;

---

<sup>1</sup> In Figari, G. (1996). *Avaliar: que referencial?* Porto: Porto Editora.

<sup>2</sup> *cit. in* De Ketele & Roegiers, 1993.

- Estudar as actividades de formação em cinema de modo a ponderar e especificar os seus contributos para uma educação integrada numa cultura fortemente marcada pela comunicação visual;
- Contribuir para o desenvolvimento das actividades de formação em cinema na escola;
- Contribuir para a consolidação de um sistema de avaliação do projecto.

### **c. O que tem sido o projecto “Cinema para as escolas”**

O projecto “Cinema para as escolas” do CCV propõe, desde 1999, um conjunto de actividades na área do cinema, no âmbito da função formativa consignada nas orientações originais desta associação. Configura uma intervenção em vários níveis de ensino, nas escolas do distrito de Viseu que, na aplicação dos seus modelos de acção e regulamentos, abrem espaço a uma interacção com organizações vizinhas.

O projecto nasceu como uma experiência de cariz inovador, em semelhança a outras experiências no país e no espaço europeu, visando a formação de públicos na área do cinema. Quanto às condições imediatas que permitem que o projecto se implemente e desenvolva, podemos identificar, como agentes dinamizadores, o CCV e equipa de formadores, por um lado, e por outro, os financiadores e organizações que apoiam a sua realização (programa VER, IPJ, agrupamentos, escolas,), os professores e os alunos.

A colaboração com as escolas, sem a qual o projecto não seria exequível, começou por ser solicitada pelo CCV ao apresentar um conjunto de propostas em novas áreas de aprendizagem. As escolas aderiram e aderem segundo uma dinâmica ora suscitada pelo professor, ora pelos alunos ou outros agentes educativos.

O projecto cresceu de ano para ano, foi alvo de sucessivos desenvolvimentos; logo em 2000:

- a) as "oficinas de pixilação" deram lugar às "escolas animadas" e ao projecto, em parte fruto da avaliação das oficinas de pixilação que foi o "Aprender em filmes". Com este dispositivo formativo o espaço de aprendizagem tornou-se mais alargado, flexível e extenso. Aumentou o número de horas de formação e a intensidade da experiência, aspectos que vão ao encontro das expectativas dos participantes e das manifestações de alguns professores. As actividades que sucessivamente integraram o projecto tiveram como principal fundamento as reacções dos participantes e apoiantes.
- b) Foram lançados os workshops i) História e estética do cinema (no ano 2000), e ii) O cinema de animação como dispositivo pedagógico (no ano 2001), abertos a um público de jovens e adultos.

Em Setembro de 2001, o vídeo "Sonho de professor" recebeu uma menção honrosa no 3º Festival Internacional de Cinema e Vídeo Jovem da Covilhã – IMAGO 2001. Em Dezembro o Instituto de Inovação Educacional premeia três filmes realizados no âmbito do "Aprender em filmes 2000/2001". Ao CCV é atribuída uma menção honrosa.

No *Argumento* nº 110<sup>3</sup> foram apresentados indicadores de avaliação, quer quantitativos, quer qualitativos: "É um projecto pedagogicamente adequado, diferenciando as actividades consoante os níveis de ensino dos destinatários e implementando diferentes áreas de formação para professores e outros agentes educativos (...) Indirectamente temos indicadores que avaliam a qualidade dos resultados obtidos e da parceria com as escolas, nomeadamente no caso dos filmes de animação em que três dos quatro filmes realizados receberam o 1º prémio num

---

<sup>3</sup> Out/Dez, 2002, p. 4

concurso de vídeo escolar de âmbito nacional, promovido pelo IIE e, ainda, uma menção honrosa atribuída a um dos filmes no âmbito do 17º encontro de audiovisual e escolas, em Eger, na Hungria, em Maio de 2002.”

Em 2003 realizam-se, a 4ª edição do workshop “O cinema de animação como dispositivo pedagógico” e, pela primeira vez, numa escola EB 2,3 o workshop “Como ver um filme”. Na 5ª edição do “Cinema para as escolas” é considerado que o projecto continua “a reforçar a sua ligação com as comunidades e agentes educativos, elevando a aposta de formação de novos públicos a nível regional e nacional como um dos factores mais decisivos para o papel das instituições culturais e cine clubes em particular”.

A quantificação dos participantes permitiu, em 2003, chegar aos seguintes resultados, publicados no *Argumento*: o projecto abrangeu, por ano, entre 1999-2003, cerca de 3175 alunos, 150 professores e 56 escolas.

As escolas que têm acolhido estas actividades partilham algumas características comuns que talvez permitam denominá-las sob uma mesma categoria. Agrupá-las em escolas desfavorecidas só pode servir como designação temporária. De facto, no primeiro ano de implementação das actividades existiu uma ligação ao Projecto Alfa - que pretendeu promover uma intervenção nas escolas desfavorecidas e de fraca acessibilidade – que favoreceu os contactos a estabelecer com as escolas abrangidas.

Vejamos agora algumas dessas características comuns: turmas heterogéneas com poucos alunos (entre 6 e 20), numa escola pequena (por vezes uma escola corresponde a uma ou duas turmas), instalada num edifício antigo, com o soalho de madeira, salamandra num canto da sala (e sem outro sistema de aquecimento), plantas, um quadro de giz, placards de cortiça com muitos cartazes e trabalhos afixados, com alunos com necessidades educativas especiais e outros de assiduidade muito instável. Uma parte significativa deste descritivo pode ser comprovada nas já

várias séries de filmes e sequências animadas que atestam de forma particular a produtividade do projecto.

## **2. Avaliação específica, por actividades**

As actividades são tomados como objecto de atenção, para que se manifestem os seus contornos mais pertinentes. São apontados momentos importantes, organização e aspectos críticos, segundo a abordagem dos formadores; reacções dos participantes e avaliações efectuadas no terreno.

Os workshops "História e estética do cinema" e "Como ver um filme", não serão objecto de caracterização e balanço dada a sua irregularidade e processo de reformulação.

### **a. Sessões de cinema para as escolas**

As "Sessões de cinema para as escolas", destinadas a todos os graus de ensino a partir do 2º CEB, propõem a deslocação de grupos escolares com interesses curriculares comuns a diferentes sessões de cinema, em complemento a programas disciplinares, com vista a ter consumidores de imagens e de sons cada vez mais atentos, mais críticos, apelando a uma escolha mais criteriosa, contrariando a tendência simplista de ver praticamente não importa o quê. Paralelamente, pretende motivar para a) os conteúdos leccionados que suscitaram a visão do filme, e para b) a importância do cinema enquanto arte audiovisual com uma estrutura narrativa própria e uma linguagem específica.

A programação de sessões de cinema para as escolas é uma das actividades pioneiras do projecto. Respondeu à vontade de complementar disciplinas e currículos escolares com filmes seleccionados, projectados em suporte película, e apoiados por documentação e informação relativa aos filmes.

Esta actividade tem correspondência com o percurso histórico do Cine Clube de Viseu, que durante várias fases destinou a sua programação à interacção com interesses escolares concretos e à sensibilização de públicos em geral. A sistematização de uma programação anual foi, pela primeira vez, realizada e apresentada em 1999, o primeiro ano do projecto Cinema para as Escolas.

Em traços gerais, a programação de sessões de cinema para as escolas apresenta anualmente um número mínimo de 6 filmes/ano. Os objectivos de programação dirigidos aos aspectos formais e estéticos que podem complementar a sensibilização audiovisual dos jovens participantes, levam à diversificação do leque de filmes, com propostas provenientes da cinematografia norte-americana e europeia (portuguesa incluída) em partes iguais. Dentro destas cinematografias, anualmente são exibidos documentários, cinema de animação, e longas-metragens que dão a conhecer formas menos convencionais de narrar e escrever histórias.

O primeiro ano lectivo de realização das sessões confirmou as expectativas do CCV no que respeita ao número de escolas inscritas, alunos participantes, e entusiasmo com as possibilidades de enriquecimento das actividades extra-curriculares. Todas as sessões propostas foram realizadas com elevadas participações, e todos os filmes programados foram acompanhados por cadernos de apoio editados para o efeito, destinados a prolongar até à sala de aula o interesse e a informação acerca dos conteúdos temáticos e filmicos de cada filme.

A programação dos filmes nos sucessivos anos lectivos continuou a sugerir o cinema como complemento a vários interesses curriculares. No entanto, a forma de

exploração dos filmes foi modificada, e a relação de participação com as escolas também. No caso da exploração dos filmes, o caderno de apoio inicialmente editado foi substituído por fichas de análise. O caderno era composto por reflexões a propósito da temática do filme, forma cinematográfica, glossário de cinema, e a partir de um estudo dos seus conteúdos seria possível ao professor explorar a forma e o conteúdo filmicos na sala de aula. No entanto, este procedimento não surtiu os resultados esperados. Nas reuniões mantidas com os professores participantes nas sessões, foi detectada alguma falta de eficácia do caderno quanto às propostas de exercícios específicos para a aula de exploração do filme; a profundidade dos conteúdos do caderno era desejável, mas só a concretização em questões, exercícios e propostas de trabalho torna possível ao professor a exploração do filme.

Na altura, se a execução de um caderno de apoio era um esforço considerável para os responsáveis pelo projecto, adicionar outros conteúdos tornava-se inviável. A necessidade de optar por uma ficha mais directa na abordagem ao filme e às questões concretas a colocar na sala de aula implicava uma substituição de suporte. A troca concretizou-se no segundo ano lectivo, com o nascimento das fichas de análise dos filmes. Esta alteração ofereceu aos alunos participantes uma ficha de análise de uma página, em vez de um caderno que normalmente apresentava 16 a 20 páginas, sendo a sua leitura e exploração facilitadas por serem apresentadas oportunidades e questões de análise concretas sobre o filme, que de alguma forma resumem o contexto pedagógico e artístico que qualquer filme seleccionado compreende.

Relacionado com a exploração dos filmes, o empenhamento dos professores na motivação dos alunos numa fase prévia ao visionamento é factor determinante para o bom desenrolar da sessão de cinema, e para os resultados posteriores na sala de aula. Tendo em conta a maioria das sessões realizadas, será justo afirmar que o sucesso da exploração do filme começa antes do seu visionamento, na sala de aula , na

capacidade dos professores em contextualizar e motivar para aspectos muito concretos e perceptíveis que os filmes comportam, e que os alunos podem compreender. O que remete para uma das competências que o CCV chama a si, a de auxiliar com documentação, críticas e sinopses o estudo prévio que o professor pode fazer.

Considerando as características e limitações das Sessões de Cinema para as escolas, a sequência lógica que começa na assessoria prévia ao professor, contextualização do filme e motivação prévia com os alunos, e exploração posterior das fichas de análise, é a prática desejável que pode otimizar os resultados positivos da actividade. O facto de, em muitos casos, não ser possível organizar a participação das escolas desta forma deve levar-nos a considerar as dificuldades que se colocam ao processo.

Para algumas escolas a participação nas Sessões é prevista no início do ano lectivo e consumada na data prevista pelo programa, sem que durante o tempo de permissão existam possibilidades de contacto e troca de informações com o CCV. Por razões várias, que o CCV não pode definir com rigor, que se prendem com o processo dificultado de transporte dos alunos, agravado nos últimos anos, e que absorve o espaço disponível do professor para a preparação da sua participação, e também com as alterações surgidas nos últimos anos lectivos no funcionamento do ano escolar, que inclusivamente atrasou o início das aulas, a execução dos programas e a definição atempada das actividades foi afectada.

O processo de acompanhamento de cada escola, da inscrição ao pós-visionamento, é uma das conquistas que o CCV pretende, no sentido de aumentar o número de sessões em que a participação das escolas é mais qualificada e, finalmente, mais estruturante para a formação pessoal e curricular dos alunos.

## **b. Escolas animadas**

A intervenção denominada "Escolas animadas" tem uma duração de aproximadamente 2 horas, abrangendo um elevado número de alunos, escolas e professores (em média cerca de 40 escolas por ano, desde 2000/2001). Decorrem, maioritariamente, em escolas do 1º ciclo, mas é um dispositivo formativo muito adaptável a outros contextos, nomeadamente espaços culturais. Integrou a oferta formativa de serviços educativos de equipamentos culturais, tais como: o Teatro Viriato, o Centro Cultural de Belém, a Biblioteca de Vila Nova de Paiva, entre outros.

Propõe a participação directa na experimentação de uma técnica da animação - a pixilação (*stop-motion* com pessoas e objectos reais) -, proporcionando a descoberta de um aspecto basilar da animação: um filme em pixilação é uma sequência de imagens fixas, ou seja, o movimento visto é aparente e manipulado, dado que quando a imagem é captada o objecto está parado (e o movimento que efectua para se recolocar no espaço não é registado nem aparece na imagem). Enquanto arte cinematográfica, o cinema de animação, cria a ilusão de movimento através da união de uma sequência de imagens imóveis.

Neste dispositivo de sensibilização, depois de uma breve apresentação dos formadores e da actividade são lançadas questões concretas, como por exemplo, como se faz mexer uma mesa sem lhe tocar? como é que os desenhos correm?

Prossegue com uma explicação e exemplificação sumárias do princípio básico da animação (filmagem imagem-a-imagem, também conhecida como técnica *stop-motion*) que precede a realização de exercícios que colocam as crianças no centro da imagem. Alguns conseguem, à partida, articular alguma explicação para a pergunta como se faz, mas é no final, depois da experiência, que se mostram mais à vontade para explicar como fizeram. O cinema de animação explora fundamentalmente o

potencial da filmagem imagem-a-imagem. O truque fundamental do cinema de animação (o de filmar apenas algumas partes do que acontece) está ao alcance da compreensão humana desde muito cedo. A observação directa da aplicação deste modelo com crianças do nível pré-escolar permitiu observar que as crianças mostram compreender a mecânica da filmagem imagem-a-imagem e mostram-se capazes de a utilizar criativamente para criar sequências.

Por outro lado, esta intervenção permite dar início à compreensão da decomposição do movimento - outro elemento fundamental para a realização de filmes de animação, que começou por ser explorado em finais do século XIX por estudiosos como Marey e Muybridge, através da cronofotografia. A decomposição do movimento é, nesta actividade, orientada directamente pelos formadores, pelo que a abordagem deste aspecto é aqui essencialmente implícita. A decomposição do movimento é um dos aspectos centrais da animação, que a distingue do cinema convencional (também referido como cinema de *live-action*). A participação nos exercícios de pixilação promove a compreensão intrínseca deste aspecto fundamental.

Um aspecto técnico explorado explicitamente ao longo do processo de captação de imagens refere-se à quantidade de imagens captada: a câmara regista quatro fotogramas de cada vez que é accionada, o que significa que para obter um segundo de animação deve ser accionada seis vezes. Assim se obtém a famosa fracção de 24 imagens por segundo. Os participantes são igualmente sensibilizados para um dos aspectos mais característicos da realização de filmes de animação: existe uma grande diferença entre o tempo necessário à captação de imagens e o tempo que demora o visionamento da sequência obtida. É esta característica do processo de fabricação que merece ser destacada: construir um filme é uma tarefa prolongada, cumulativa, complexa pelo rigor exigido.

### **c. Aprender em filmes**

O "Aprender em filmes" decorre ao longo de 12 sessões de duas horas, nas quais se realizam todas as etapas da realização de um filme em animação, excepto o trabalho de montagem.

O "Aprender em filmes" obteve em 2000/2001 o apoio do Governo Civil de Viseu, interessado na edição de materiais pedagógicos que visassem a "Prevenção Rodoviária", tema adoptado nesse ano. Em Setembro de 2001 é editada uma cassette vídeo – "Olh'ó trânsito!" – que contém os quatro filmes realizados a partir de quatro histórias e desenhos elaborados na sala de aula. Em Setembro de 2001 o trabalho "Sonho de professor" recebeu uma menção honrosa no 3º Festival Internacional de Cinema e Vídeo Jovem da Covilhã – IMAGO 2001. Em Dezembro, o Instituto de Inovação Educacional premiou três filmes realizados no âmbito do "Aprender em filmes 2000/2001". Ao CCV é atribuída uma menção honrosa.

Esta actividade coloca um desafio acrescido em termos de organização do trabalho com um grupo, obrigando a adaptações a cada um dos contextos em que se realiza. É procurada a participação de todos os elementos do grupo na construção de um filme com animação de volumes, recortes, desenhos no quadro e pixilação. Um filme constrói-se a partir da possibilidade de criar uma ilusão audiovisual, permitida pelo recurso a uma tecnologia de elevada eficácia perceptiva que suporta a arte da ilusão animada. O processo de construção de um filme de animação é criativo, prolongado, complexo e colectivo. O professor é central ao longo de todo o processo, sendo factor determinante o seu envolvimento e entusiasmo na realização das tarefas com os alunos. Para que se entenda as implicações e dificuldades que representa a construção de um filme em contexto escolar, enumeramos as etapas fundamentais

deste trabalho, no que se refere ao trabalho na sala de aula: a) criar colectivamente uma narrativa; b) “ilustração” da narrativa com vista à construção do *storyboard*; c) construção dos cenários, dos adereços e das personagens; d) preparação do *setting* das filmagens; e) animar e filmar; f) produzir, seleccionar e gravar os sons.

Outras fases da construção de um filme, operações mais técnicas, são trabalhadas pelos formadores. Referimo-nos a aspectos como a planificação das filmagens e montagem das cenas filmadas numa sequência com ritmo e sentido.

Na sala de aula opera-se uma transformação: durante quase todas as sessões, fica montada a tecnologia necessária, ou praticamente, para levar a cabo o empreendimento complexo e prolongado, que é fazer um filme. As mesas são reordenadas por superfícies de trabalho diferenciado, umas para montagem de cenários e filmagem, outras para a construção de cenários e personagens, em papel, em plasticina, ou em corda, ou qualquer outro material necessário à expressão da imaginação. Em cada escola existe, desejavelmente, um computador, que se estiver ligado à internet, servirá para fazer a necessária pesquisa para desenvolver o argumento e *storyboard*.

As preocupações que estão presentes na acção de várias organizações, públicas e privadas, do âmbito sócio-cultural, têm-se traduzido numa intencionalização da educação para a cidadania. Os sucessivos temas do “Aprender em Filmes”, desde a prevenção rodoviária, até à educação intercultural, passando pelos direitos das crianças, vão no sentido da operacionalização de uma resposta a um pedido do contexto. A etapa de pesquisa para o tratamento do tema e concepção da história reveste-se de toda a importância dado que corresponde ao momento de construção do argumento. As possibilidades no modo como este trabalho é realizado ligam-se à natureza do próprio tema e seu enquadramento nas actividades lectivas.

O feedback de uma das professoras relativamente à utilidade desta actividade para o desenvolvimento dos objectivos do 1º ciclo foi registado no âmbito de um trabalho jornalístico: "Foi uma experiência enriquecedora para nós, para os pais e, especialmente para as crianças da Escola de Sanfins. Através do "Aprender em Filmes" tivemos oportunidade de tratar de forma interdisciplinar as diversas áreas temáticas do programa, nomeadamente o Português, a Matemática, o Estudo do Meio Físico, etc. Embora tenhamos privilegiado o trabalho em grupo, foi também possível explorar as aptidões individuais de cada aluno. No final das 12 sessões, as crianças, que de início não tinham a mínima ideia de como funcionavam os filmes de animação, haviam conseguido escrever uma história, construir cenários, etc. Para os meninos da escola de Sanfins, o cinema de animação era algo mágico... depois de trabalharem a história, os cenários e terem participado nas filmagens puderam perceber que a magia, que nunca desaparece completamente, acontece pela utilização de técnicas e pelo surgimento de inovações tecnológicas. Ao longo das 12 sessões o entusiasmo foi enorme, as crianças quiseram sempre conhecer e participar em todo o processo de trabalho."<sup>4</sup> A professora entrevistada exprime uma identificação com os objectivos da acção e pensa no "Aprender em filmes" como uma forma de aplicar os conhecimentos obtidos no workshop "O cinema de animação como dispositivo pedagógico". É isso que expressa na sua afirmação: "Após ter concluído a acção de formação, em Viseu, destinada aos professores pensámos (o Cine Clube também) na possibilidade de aplicar os conhecimentos adquiridos na Escola Básica de Sanfins. A seguir, e sempre com a ajuda dos formadores do Cine Clube, planificámos as diversas etapas da construção do filme de animação"<sup>5</sup>. De facto, aplica-os ao nível da articulação entre as sessões, assegurando que as crianças compreendem o encadeamento do processo, o processo como um todo, e não apenas as partes. Planifica com os formadores,

---

<sup>4</sup> Entrevista realizada pelo jornalista Rafael à professora da escola EB1 de Sanfins.

<sup>5</sup> Idem.

encarados de certa maneira enquanto consultores do processo, as sessões de construção assistida. Assegura que partes do processo são contínuas: o processo não se confina aos tempos que os formadores do CCV estão na escola.

Idealmente os professores que participam no “Aprender em Filmes” passariam por uma fase preparatória através da sua participação no workshop “O cinema de animação como dispositivo pedagógico” (actividade que abordaremos a seguir)

A organização desta actividade é um alvo frequente das problematizações da equipa que trabalha no terreno. A distribuição de tarefas, a logística requerida, a planificação da realização, a direcção de animações em interacção com os alunos, são algumas das questões que se colocam. A articulação com o professor é uma questão crucial: observa-se que o desconhecimento das diferentes etapas do processo e o desinvestimento na ligação entre sessões, dificulta o andamento dos trabalhos, dado que a compreensão dos alunos do processo de construção do filme não é promovida consistentemente.

Estas problemáticas têm sido alvo de reflexões, que se concretizam em diversas sugestões:

- Reuniões de organização com os intervenientes, quer previamente ao início da implementação na sala de aula (apresentação do projecto à escola), quer em momentos em que existe uma exigência acrescida de organização do trabalho, especificamente, antes da história, após storyboard e na fase de montagem. Ou seja, reuniões realizadas fora da sala de aula que correspondem a um momento de trabalho de equipa da área pedagógica.

- Partindo da observação que para cumprir um mesmo objectivo o tempo necessário em contexto de sala varia de sala para sala, de contexto para contexto, o modo de articulação com cada escola deverá ser diferenciado. Um formato mais flexível ancorado na consideração do Aprender em Filmes como um todo e, consoante

as necessidades, numa escola haver certo número de sessões que não é um número rígido para todas as escolas. No mesmo sentido, promover sessões de contacto entre e com escolas que participam no AF.

- Regulamentação da relação de colaboração, eventualmente concretizada num contrato entre professores e CCV.

A articulação entre os elementos da equipa do CCV é outro aspecto que merece ser reflectida. A flexibilidade na atribuição de tarefas a cada um dos três membros da equipa que trabalha em cada sessão é um dos aspectos que caracteriza o funcionamento da equipa. Todavia, tem-se vindo a considerar que a equipa deverá investir um dos membros no papel de realizador, elemento que tomará as decisões relativas à realização do filme no que concerne ao *storyboard*, às técnicas de animação, ou outros aspectos cruciais para a realização do filme. Paralelamente, terá a atribuição de constituir e desenvolver o dossier do filme que acompanha todas as sessões em sala e onde são registados os progressos de cada sessão.

Os filmes que são produzidos obtiveram tratamentos diferenciados: foram alvo de edição conjunta sob um tema comum; objecto de prémios em concurso de vídeo escolar; visualizados num evento que reuniu as várias escolas participantes... Faz pensar que, se por um lado é consensual que o modo como se desenvolvem os trabalhos está pouco relacionado com a qualidade final do filme, também é certo que os diversos produtos são valorizados de modo diferenciado. Foi sugerido por um dos formadores que a complexificação das técnicas de animação jogam a desfavor da autonomia dos participantes no desenvolvimento do trabalho. Neste sentido torna-se indispensável otimizar o tempo que é dedicado a esta actividade, otimizando o espaço de criatividade.

#### **d. Workshop “O cinema de animação como dispositivo pedagógico”**

Este workshop teve, nas suas primeiras edições, uma duração de 24 horas distribuídas em 4 dias. Actualmente é composto por 13 módulos com a duração de 3 horas cada, num total de 39 horas de formação. O processo de realização de um filme é intensivamente tratado e o workshop conclui-se com a visualização da pré-montagem do filme realizado.

Neste workshop, de periodicidade aproximadamente anual, é explorada, junto dos professores, a possibilidade de aplicação ao contexto escolar das competências adquiridas e desenvolvidas na proposta formativa, verificando-se que destas situações de formação surgem, frequentemente, parcerias com escolas. Com efeito, um dos objectivos deste workshop é a promoção de uma rede de agentes educativos motivados para a utilização do cinema de animação e dos audiovisuais, dotando os participantes dos conhecimentos necessários para que possam, eles próprios, divulgar e implementar novas práticas de inovação pedagógica nas suas áreas de trabalho.

O programa desta acção de formação está distribuído do seguinte modo:

- os três primeiros módulos fazem a introdução aos conteúdos e dinâmica da formação, sendo realizados exercícios práticos de realização de pequenas animações em pixilação, explorando, com base em visualizações, as diversas técnicas do cinema de animação; e, ilustram o modo como o cinema de animação pode funcionar como mecanismo integrador de aprendizagens curriculares e extra-curriculares;
- no quarto e quinto módulos é trabalhada a história e sua esquematização em *storyboard*;

- o sexto e sétimo módulos trabalham os elementos necessários às filmagens: personagens, cenários, adereços; e são iniciadas as filmagens, após a montagem dos *plateaus*;
- o oitavo e nono módulos são dedicados às filmagens;
- o décimo e décimo primeiro à montagem
- o décimo terceiro à visualização do produto final alcançado.

Por envolver uma dimensão mais tecnológica do processo de construção de imagens animadas (introdução ao tratamento digital da sequência de imagens e preparação para edição) necessita de uma grande disponibilidade de meios técnicos e materiais. Existe, igualmente, uma necessidade acrescida de meios humanos dadas as exigências de formação e assessoria técnica. Em cada módulo as actividades são dinamizadas com a presença simultânea de formadores de diferentes áreas, de forma a promover a discussão interdisciplinar, e, nos módulos mais práticos, realizar um acompanhamento adequado do trabalho que é maioritariamente realizado em pequenos grupos, distribuídos por diversos *plateaus* de filmagem.

É uma experiência formativa apelativa para os que desejam ter disponível um bom suporte audiovisual para a transmissão de conteúdos diversificados. A irredutibilidade da imagem cede a certas tecnologias, mas impõe os seus limites. É um percurso construído ao ritmo da disponibilização de equipamentos mais sofisticados, mais potentes na sua capacidade de tratamento e de armazenamento de sons e imagens. Certamente a curiosidade despertada por esta fase de realização de um filme sofre variações com a idade, com a habilidade para manusear hardwares e softwares, e com o interesse e entusiasmo em improvisar o seu próprio estúdio de produção de filmes.

A avaliação deste workshop tem sido concretizada mediante o preenchimento, por parte dos formandos, de um instrumento composto por 5 questões abertas e 6

itens de resposta fechada. As questões abertas procuram eliciar elementos relativos à natureza da motivação dos participantes, à avaliação que dela é feita (aspectos positivos e negativos), em relação à utilidade desta formação e à possibilidade da sua optimização.

As questões fechadas procuram quantificar: a correspondência com as expectativas; a compreensão dos objectivos; a adequação dos conteúdos; a adequação da metodologia; a actuação dos formadores; e a eficácia da organização.

As respostas ao instrumento permitiram apurar médias de cada um dos itens; foram calculados valores que variam, numa escala de likert, entre 3,68 e 4,77. A avaliação quantitativa, apurada deste modo, situa-se num nível muito bom.

Quanto à informação constante nas respostas às questões abertas destes mesmos questionários, procedemos a uma análise segundo dois vectores: os factores motivacionais manifestos e a apreciação qualitativa manifesta. Os factores motivacionais foram ainda subdivididos em genéricos e específicos, tendo-se considerado que estes últimos se referem à actividade profissional dos participantes.

Destacam-se diferentes grupos de resposta:

- de cariz mais geral e vago: "Curiosidade"
- destaque do carácter inovador: "Participar numa experiência inovadora", "Aprender algo completamente novo"
- ligado ao contexto de formação: "A formação é sempre uma mais valia (curriculares, profissionais e pessoais)", "contacto com novas pessoas e ideias".
- destaque para os resultados em termos de aprendizagem/competências: "Aprofundar conhecimentos adquiridos e aquisição de novos", "Enriquecimento pessoal na área da comunicação".
- destaque para a aprendizagem na área do cinema de animação: "O gosto pelo cinema de animação e vontade de aprender técnicas" "Interesse em aprender

sobre cinema de animação”; “Continuidade de experiências anteriores” “Interesse em aprender várias técnicas de cinema de animação e montagem de imagem e de som no computador” “Saber como se faz”

Quanto aos factores motivacionais ligados à actividade profissional são também discriminados diferentes grupos de resposta, consoante os aspectos que são salientados:

- destaque para as novas tecnologias: “Melhorar os conhecimentos no domínio das tecnologias da comunicação”, “Contacto com novas tecnologias”

- destaque para a aplicação profissional especificada: “Adquirir competências no âmbito da animação para transferir para a prática pedagógica as novas tecnologias com criatividade”

- destaque para a aplicação profissional, não especificada: “Vontade de aprender para ensinar”, “Vontade de aprender para transmitir aos alunos”, “Possibilidade de aprofundar e aplicar os conhecimentos adquiridos em projectos futuros”, “pôr em prática estes conhecimentos”

- destaque para a motivação dos alunos: “Aprender algo para motivar os alunos”, “Aprender outras formas de motivar, formar, fazer reflectir os alunos já que este é um suporte de grande sucesso junto de qualquer aluno”, “forma inovadora de cativar e ensinar os alunos”

- destaque para a produção de filmes: “produção didáctica”

### ***e. Argumento***

Este boletim informativo publica regularmente informação (escrita e visual) relativa às actividades do projecto, constituindo-se assim como um veículo privilegiado de

divulgação das actividades e dos seus resultados. É um elemento crucial para a dinâmica do projecto "Cinema para as escolas".

Teve um número médio de 4 edições por ano (2000 a 2005), e fixou alguns pontos do projecto cinema para as escolas na sua informação regular. Na globalidade, o Argumento publica textos críticos relativos aos filmes exibidos nos ciclos temáticos, ensaios sobre cinema português, e informações gerais sobre a vida da associação e a sétima arte em geral.

Na divulgação realizada das actividades do projecto Cinema para as Escolas são destacadas as informações regulares sobre a realização dos filmes de animação e das sessões de cinema para as escolas. No caso dos filmes de animação, foi regularizada a edição das histórias elaboradas para cada um deles, ilustradas com os desenhos base do storyboard dos alunos. Nas sessões de cinema, as páginas do Argumento publicaram fichas de análise dos filmes programados. Nos dois casos, a divulgação feita permitiu ainda uma utilização prática do boletim na sala de aula, com a exploração dos desenhos para a planificação final dos filmes de animação, ou ainda a ficha de análise utilizada na sala de aula.

O acesso directo dos alunos ao Argumento é promovido através da entrega de exemplares a todos os participantes, na sala de aula ou na sala de cinema, conforme os casos, e beneficia ainda outros leitores com a distribuição por todas as escolas do distrito de Viseu.

O Argumento é distribuído de forma gratuita na cidade de Viseu, em vários pontos, e distribuído aos associados, comunicação social e instituições de várias áreas.

### 3. Efeitos das actividades

Matarasso (2003)<sup>6</sup> num estudo sobre os benefícios sociais da participação nas artes, realizado entre 1995 e 1997, no Reino Unido, revela benefícios sociais nas seguintes dimensões: a) desenvolvimento pessoal, b) coesão social, c) empoderamento da comunidade e auto-determinação, d) Imagem local e identidade, e) Imaginação e visão, f) Saúde e bem-estar.

Este autor aponta 50 aspectos do impacto social da participação nas artes, dos quais destacamos, brevemente:

- contribui para o desenvolvimento educativo das crianças e jovens;
- encoraja os adultos a envolverem-se em oportunidades educativas e formativas;
- ajuda a desenvolver novas competências e experiências de trabalho;
- contribui para o crescimento da empregabilidade;
- fortalece a cooperação comunitária e o trabalho em rede;
- ajuda as pessoas a exercer controlo sobre as suas próprias vidas (*empowerment*);
- enriquece a prática de profissionais das áreas pública e voluntária;
- aumenta as expectativas relativamente ao que é possível e desejável;
- é um meio eficiente para educar para a saúde;
- fornece uma fonte única e profunda de fruição.

As actividades desenvolvidas pelo CCV que visam a formação em cinema revelam-se diversificadas nas suas populações e propostas de actividades, verificando-se que o seu conjunto configura uma intervenção coerente, onde o todo é mais do que a soma

---

<sup>6</sup> In A cultura em acção - Impactos sociais e território, Edições Afrontamento.

das partes, onde as partes especificam modalidades e onde todas participam no desenvolvimento de uma literacia num universo onde o (áudio)visual é central.

Num nível mais específico, referente a um dispositivo que propõe a participação em actividades numa certa área artística - cinema -, ou seja na visualização, compreensão, crítica/ avaliação e construção de filmes, consideramos que, se por um lado, a formação de públicos visa, entre outros, o estímulo do consumo de cinema, as actividades formativas em cinema representam inequivocamente um estímulo à sua produção. Referimo-nos ao facto de no âmbito das actividades serem produzidos objectos audiovisuais.

Um estudo fica incompleto se não forem considerados os aspectos que concernem a qualidade do consumo, que se pretende "cultivar". São teoricamente esperados resultados relativos a uma participação mais crítica numa cultura onde a produção de imagens tem estado do lado de instâncias do poder político e económico, ou seja fora do domínio público. Não devemos ignorar que estas acções deverão atenuar os efeitos do poder manipulador das imagens, mesmo aquelas que pretensamente mostram o mundo (único) onde vivemos. Alunos e professores, enquanto partes integrantes da equipa criativa, acedem à perspectiva de produtores, competentes para uma outra leitura crítica, enquanto consumidores. A formação de públicos não ignora o potencial da transformação de "meros" consumidores em agentes produtores de formatos *media*.

Por outro lado, são esperados resultados ao nível mais específico do conhecimento de técnicas de animação e da decomposição do movimento.

Tendo em conta o grau de satisfação indiciado pelo acolhimento proporcionado pelas escolas é legítimo supor a existência de necessidades às quais são dadas respostas. É a própria escola que na aplicação dos seus modelos de acção e regulamentos abre espaço a uma interacção com as organizações que no terreno são

vizinhas. Os professores oferecem motivos pedagógicos, frequentemente, ligados ao projecto educativo.

As ligações que podem ser estabelecidas entre a formação em cinema de animação e a educação sugerem mesmo o tipo de necessidades da escola a que poderá corresponder o interesse suscitado. Algumas pistas foram já lançadas quando se sugeriram ligações da formação a diversas áreas educativas - educação para a cidadania, educação artística, comunicação visual, novas tecnologias.

Outros efeitos a ponderar, considerados intermédios, relacionam-se com o impacto directo nas esferas pessoais dos alunos e dos professores, sistematicamente verificado por observação directa. Referimo-nos à produção de satisfação imediata provocada pelo visionamento da imagem de si. Este efeito encontra uma justificação parcial nas concepções implícitas associadas às imagens televisivas (que mostram, fundamentalmente, o que na vida é bonito e que, pela mesma ordem de razões, devem contrapor ao que é horrível). Devemos acrescentar que como todas as regras também esta tem excepções. De facto, embora raro, encontramos alunos e professores que oferecem resistências a serem filmados - o que aponta, tendencialmente, para a existência de alguma problemática ao nível da auto-imagem.

Por outro lado, a realização das actividades proporcionam, aos professores e aos alunos, diferentes avaliações do desempenho de cada um, que se diferenciam do desempenho escolar normativo. Tem sido observado que nestas actividades os desempenhos de alguns alunos melhoram, nomeadamente casos designados de necessidades educativas especiais, bem como, o desempenho da turma em geral.

Numa dimensão mais contextual, a adequação do espaço e a introdução de equipamentos necessários à execução das tarefas levam a uma transformação da sala de aula e oferecem uma releitura do espaço, valorizando o contexto e imagem escolares.

A exposição ao “mundo da animação” supõe efeitos na motivação de alunos e de professores; em concreto tem sido observado que qualquer uma destas actividades leva a um aumento da motivação para continuar a formação nesta área, também na contínua utilização pedagógica das imagens e, nalguns casos, mesmo em produção de objectos audiovisuais.

Uma das reacções que surge repetidamente aquando do visionamento dos exercícios filmados, indiferentemente às idades e aos contextos, é o riso. Este comportamento, profundamente emocional, atesta a qualidade de aprendizagem significativa e explica, parcialmente, o notório ambiente de satisfação que se vive ao longo e no final de cada sessão. Por outro lado, observamos uma reacção oposta em certas crianças que, embora rara, merece ser mencionada devido à relevância do seu significado. Referimo-nos a situações de resistência ou recusa em participar. E é precisamente esta reacção que remete para o impacto do trabalho desenvolvido ao nível da auto-imagem. De facto verificamos que, na maioria dos casos, as crianças com maiores dificuldades em lidar com a sua imagem (com frequência os “gordinhos”) são aquelas que revelam a tal resistência e até recusa em participar. Este tipo de situação tem originado momentos de sensibilização para a questão do direito à preservação da imagem, junto de professores e crianças.

Devemos, por último considerar que a influência desta intervenção tende a ser alargada já que, frequentemente, o registo em suporte VHS ou digital dos exercícios realizados é fornecido às escolas.

#### **4. Conclusões acerca do projecto**

##### **a. Pertinência das propostas formativas do projecto para uma escola que lida com a pressão para a mudança e com as inovações da sociedade do conhecimento**

O cinema é, desde a sua origem, uma arte destinada às “massas” e considerado, por alguns, o principal responsável pela proletarização dos públicos. A formação de públicos (conceito e preocupação que se começa a desenvolver a partir dos anos 60) refere-se não só à fidelização, mas também à diversificação da sua composição, visando o alargamento de horizontes de referência e a familiarização com as linguagens e repertórios culturais. Perante este quadro, e tendo em conta as desejáveis relações de proximidade entre a educação e a cultura, fica patente a necessidade de acções como as que compõem o projecto em análise.

Talvez estejamos a viver um momento que conjuga as condições necessárias para que o cinema continue a aprofundar o seu talento para incrementar a democratização cultural. Desde uma época onde os meios para a produção de cinema (e de produtos audiovisuais, mais ou menos próximos do cinema) eram raros, e, não raras vezes, propriedade exclusiva dos órgãos de poder, até aos nossos dias, em que assistimos a uma disseminação da tecnologia e seus meios, ao ponto de serem muitos os que têm um estúdio em casa que lhes permite registar, montar e reproduzir filmes, temos um percurso que evolui no sentido de tornar a cultura visual (mais) democrática.

Numa escola onde se visa a educação dos indivíduos para uma sociedade do conhecimento e da informação, onde se mantém a necessária tradição de transmissão do conhecimento, em ordem a que os cidadãos o sejam de pleno direito, é ainda necessário atender que, para que cada um usufrua de um sistema pessoal que lhe

permita comunicar com os outros, por todos os meios que à partida estão disponíveis, é indispensável dotá-los de (in)formação, competências e instrumentos que favoreçam a plena participação na sociedade. Se quando existia apenas enquanto documento escrito, o projecto suponha a existência de lacunas na educação escolar, actualmente, experimentado e valorizado, os números e as reacções apontam consistentemente para uma relação entre as necessidades da escola/professores (originada por uma pressão sobre a escola para a mudança?) e a sua satisfação com os dispositivos formativos propostos.

A necessária articulação com os objectivos educativos tem ocorrido em áreas como a educação artística, a educação para os media, para as novas tecnologias e a educação para a cidadania, especialmente no que se refere à aquisição e consolidação de competências de um sistema pessoal activo que comunique, também visualmente.

A articulação com as actividades lectivas tem apresentado possibilidades ao nível disciplinar, das áreas transversais ou dos clubes, ou até uma combinação entre estas possibilidades.

Por outro lado, a articulação com as diferentes escolas, sempre necessária e sempre diferente, é um ponto relevante a perspectivar. Refere-se em larga medida à definição do papel a ser desempenhado pelo professor e pelos formadores do CCV, e que só pode ficar completa com a prossecução dos trabalhos. Este aspecto é (re)colocado de cada vez, em cada escola. A facilitação dessa articulação tem sido procurada, nomeadamente, através de uma formação prévia com os professores. Essa experiência que ocorre, nomeadamente, no âmbito do workshop "O cinema de animação como dispositivo pedagógico", contou com a participação de professoras que estão este ano envolvidas no "Aprender em Filmes" e com outros interessados, quer professores quer profissionais de outras áreas. Os resultados deverão ainda ser alvo de atenção na avaliação desta acção específica. Entretanto, no terreno, a gestão de

tarefas e a ligação entre sessões toma formas mais ou menos (in)esperadas, havendo alguma dificuldade em prever os modos como essa articulação pode e deve ocorrer.

Na obra de Isabel Calado Lopes são abordadas as exigências colocadas à escola portuguesa, num momento em que o ritmo da mudança é acelerado (Calado, 1994). O interesse pela comunicação, nomeadamente no que se refere aos fenómenos de massa, deve-se a motivos de duas ordens: a) político-económica, já que “a administração e o controlo dos media é cada vez mais uma questão de poder” (Calado, 1994: 12), e b) cultural e civilizacional, dado que “os media geram novas formas de convivência entre os povos, novos modos de estar, de agir e de pensar”(idem).

A comunicação mediatizada está fortemente carregada por uma componente visual. “(...) este é um tempo sociocultural em que as imagens assumem um lugar de destaque. As imagens, mais que os objectos. E assumem-no não só no plano dos media, como ainda no ensejo geral de *visualização* do real, seja qual for o aspecto e nível desse real; o movimento a que nos referimos traduz-se na utilização crescente de processos de produção de imagens nos mais diversos ramos profissionais, de que podemos tomar como exemplo as técnicas de mapeamento de realidades por natureza invisíveis, como é a da ressonância magnética nuclear, aplicada nos diagnósticos de saúde” (ibidem)

Pensar a imagem é reconhecê-la como objecto inteligível. O seu poder de convencer e de comover. É, simultaneamente, reconhecer o poder exercido por aquela no domínio específico da educação. É este poder da imagem que fundamenta a importância da *educação para os media*. A imagem convence, mostra e “venha ela donde vier, continua a ser tomada como uma prova ou, se quisermos, como uma *evidência*” (ibidem). Questiona-se o conceito de “alfabetismo visual” e a importância da “capacidade de interpretar e escrever imagens”, para o aluno e o professor dos nossos dias.

## **b. Relativamente à metodologia pedagógica**

As concepções mais recentes de formação de públicos têm sublinhado a importância de educar, não só ao nível da recepção de conteúdos, mas também ao nível da realização de produtos culturais, o que passa pela experienciação do fazer. Neste sentido, tem sido dada preferência a programas de formação de públicos capazes de aproximarem autor, obra e receptor, com o intuito de dessacralizar a obra de arte, familiarizando activamente com as linguagens e incentivando a expressão criativa de todos os sujeitos (Lopes, 2003)<sup>7</sup>. É através da formação de públicos que se propicia, a médio e a longo prazo, em associação com o progresso dos níveis de escolaridade, um novo perfil de necessidades e atitudes relativamente à cultura.

A metodologia implementada nas propostas formativas do CCV envolve:

- a criação de um *setting* formativo protegido, experimental e lúdico;
- a disponibilização orientada de materiais e equipamentos e
- a organização das fases e espaços de trabalho.

O ambiente formativo está especialmente definido pelo contexto escolar. A organização por turma joga um papel fundamental na organização das actividades a desenvolver.

A dimensão tecnológica mantém-se presente e necessária, seja pela presença da câmara com ligação à televisão, seja pelo funcionamento do equipamento, que solicita os olhares para um sistema de ligações, de comandos, de sons “digitais” que antecipam a próxima tarefa... A familiaridade com o equipamento que permite montar

---

<sup>7</sup> Lopes, J.T. (2003). Escola, território e políticas culturais.

o dispositivo de filmagem e visualização é consolidada por um reconhecimento de si próprio num outro, do outro lado do espelho.

É possível apontar algumas das concepções implícitas acerca do ambiente de aprendizagem intencionalizado: experiencial, produtivo, colectivo e em equipa, cooperante, integrador, lúdico. A proposta de trabalho, baseada num processo produtivo de cariz profissional, é orientada segundo uma cascata de fases de desenvolvimento do trabalho de animação, que exige um verdadeiro trabalho de equipa, cooperação, integração, de coerência na diversidade. São consagrados compromissos entre o valor artístico e a utilidade pedagógica da experiência. As soluções da animação são encontradas nesse compromisso, o que se torna um trabalho de integração e cooperação.

O papel dos formadores do CCV oscila entre o de facilitadores, tutores e co-fazedores. Facilitam a aprendizagem, acompanham o trabalho produzido e participam na realização dos trabalhos - de animação, fabricação.

A organização que precede cada uma das sessões formativas procura um fio condutor dos trabalhos tendo em vista o objecto que se pretende produzir.

### **c. Obstáculos ao desenvolvimento do projecto**

Devemos, neste ponto, partir do geral para chegar ao particular, referindo-nos primeiro às questões do contexto mais lato para depois chegar ao plano específico do projecto em causa:

- Obstáculos à articulação educação-cultura, consubstanciados em obstáculos às práticas artísticas nas escolas;

- Dificuldades do cinema na esfera educativa, e particularmente do cinema de animação;
- Um quadro de instabilidade e incerteza; desde logo, da continuidade das actividades; mas, também, dos intervenientes no processo.

Actualmente, o dispositivo “Cinema para as escolas” apresenta um elevado valor no desenvolvimento do CCV: o significado que o projecto assume no percurso da instituição, a dinâmica de crescimento do projecto, o crescimento em diversidade de actores, legitimam a sustentabilidade das actividades. Para os participantes, assume-se que as actividades assumem um valor inestimável, concretizado na participação de um fazer artístico e cultural virtuoso, no âmbito de um processo educativo contextualizado pela emergência de novas necessidades.

#### **d. Condições necessárias ao desenvolvimento do projecto**

Qualquer processo avaliativo, chegado ao momento de formular conclusões, encerra um quadro, por definição, transitório, feito de um limite temporal que permitiu, por sua vez, dar-lhe forma. É também um processo inerentemente aberto que se engendra na existência do objecto sobre o qual reflecte. Pretende tornar-se, simultaneamente, completo e incompleto; e, na medida em que se deve concluir, avançar uma conclusão que é sempre referente aos propósitos que a lançam e obviada pelas configurações que foram propostas pela análise. A outra limitação refere-se ao modo como se optou por cristalizar a sua organização, numa opção de focalização de certos aspectos da realidade. Essas opções denotam uma constelação de valores, da qual a avaliação nunca é isenta, mesmo quando opta por não lançar um julgamento de valor sobre o objecto no qual se baseia. A reflexão que se propõe procura compor-se

de um sentido comum a interesses dos diversos quadrantes, desde os investidores aos beneficiários mais directos - as suas audiências. Esta proposta levou a opções conceptuais e metodológicas que se querem explícitas, favorecendo a clareza das conclusões apresentadas.

A preocupação em construir uma avaliação baseada num processo democrático, leva à proposta de conclusões, subdivididas por perspectivas de actores.

- Na óptica dos organizadores/da organização:

Interessa a prossecução de objectivos na área de formação de públicos, e a valorização da instituição. O CCV continua a apostar num equilíbrio entre uma actividade claramente deficitária, a formação de novos públicos e programação alternativa de cinema, e a escassez de recursos financeiros do nível público; "os dinheiros canalizados para o CCV destinam-se à realização de actividade regular e projectos, não havendo ainda qualquer entidade que financie em forma de contrato-programa, em parte ou exclusivamente, os gastos da estrutura que o CCV tem de garantir para registar o desempenho mais adequado das actividades." A análise da evolução das receitas próprias dá conta de resultados considerados "muito satisfatórios".

- Na óptica dos participantes (professores e alunos):

Duração da formação; continuidade da experiência.

- Na óptica dos técnicos:

Estabilização e desenvolvimento do corpo de formadores; dinâmica da produção no desenvolvimento de estratégias de financiamento; Menos filmes, melhores produções.

O trabalho de avaliação que agora se finaliza, fica em aberto. Os juízos que forem avançados serão parte integrante de um momento de reflexão-acção, ainda a engendrar.



## Bibliografia

Calado, I. (1994). *A utilização educativa das imagens*. Porto Editora: Porto.

Figari, G. (1999). *Avaliar: que referencial?* Porto: Porto Editora.

Guba, E. G. e Lincoln, Y.S. (1988). Naturalistic and rationalistic enquiry. *In* J. Keeves (Ed.) (1988). *Educational research, methodology, and measurement: An international handbook*. Oxford: Pergamon Press, 81-85.

Lopes, J. T. L. (2003). *Escola, território e políticas culturais*. Porto: Campo da Letras - Editores, S. A.

Parlett, M. e Hamilton, D. (1983). La evaluación como iluminación. *In* Gimeno, J. e Perez, A. (Orgs.), *La enseñanza: su teoría y su practica*. Madrid: Akal Editor, 450-466.